

Cidades devem ser projectadas a pensar no conforto do cidadão



António Almeida Henriques, presidente da Câmara Municipal de Viseu

“Temos vindo a falar de cidades inteligentes, pensando sempre em cidades como Chicago Nova Iorque, Londres, Barcelona, e a maior parte das vezes ouvimos falar nas cidades inteligentes pensando na gestão do tráfego, de pessoas e naquilo que é possível fazer através dos nossos ‘iphones’ ou outros meios. Mas esta é a hora das cidades médias e cidades pequenas... todas as cidades podem ser inteligentes, em maior ou menor medida. Pensemos, por exemplo, na energia. Todas as cidades têm de otimizar e poupar energia. Pensemos na mobilidade. Todas as cidades, hoje, têm que olhar para a mobilidade numa lógica de ser cada vez mais eficiente e poupar recursos... não há política de cidades inteligentes sem forte liderança, porque, muitas vezes, temos uma tendência de ajustarmos as nossas opções em função do que achamos que as populações podem valorizar mais e nem sempre a tecnologia é o que as pessoas mais valorizam, por isso, a governança tem de ser forte (...) Em Viseu, a melhoria do planeamento e da governação dos serviços é mais eficiente. Falo da experiência que temos de há cerca de três anos, quando iniciámos um projecto de desmaterialização de todos os processos da autarquia. Temos, neste momento, 99% dos serviços que prestamos ao cidadão desmaterializados. Com isso, conseguimos dois objectivos: facilitámos procedimentos e tornámos os processos mais transparentes.”



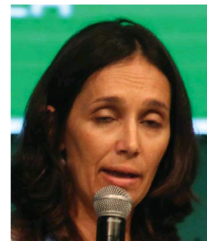
As tecnologias continuam a proporcionar muitas mudanças ao modo de vida das pessoas, em todo o mundo. Graças à evolução tecnológica, produto do conhecimento humano, actualmente, já não basta ter um bom aparelho tecnológico para resolver problemas diários. Além de um telemóvel, uma viatura ou uma televisão de sei lá quantas polegadas, o Homem contemporâneo tem necessidades maiores que exigem da tecnologia uma dimensão mais abrangente. É a pensar nisto tudo que segundo o painel da tarde de sexta-feira discutiu a problemática à volta das “cidades inteligentes”. Na verdade, esse foi o tema de discussão que envolveu Simão Mucavel, do Conselho Municipal de Maputo; Sofia Nogueira e Silva, directora da Nova Base Moçambique; Sidney Quintela, director da SQ + Arquitectos Associados (Brasil); e António Almeida Henriques, presidente da Câmara Municipal do Viseu (Portugal).

O primeiro interveniente, Simão Mucavele, referindo-se às cidades inteligentes, disse que é urgente tornar os espaços urbanos mais humanos e que o Conselho Municipal de Maputo está nessa caminhada, algo que se vai materializando com o envolvimento das pessoas, de forma progressiva. ■



Simão Mucavele
Conselho Municipal/Maputo

“A questão de cidades inteligentes centra-se, sobretudo, na pessoa humana. O que se releva neste debate de cidades inteligentes é a necessidade de tornar as nossas sociedades mais humanas e, de facto, nós estamos a caminhar nesse sentido. Iniciativas que temos como, por exemplo, termos de envolvimento e participação das comunidades, no caso concreto o orçamento participativo, são o indicativo claro de que estamos preocupados em caminhar nesta direcção. Relativamente à educação, estamos preocupados com a formação, sobretudo de jovens, no sentido do saber fazer. E o que ouvimos aqui encoraja-nos, no sentido de que não devemos sentir-nos pequenos demais.”



Sofia Nogueira e Silva
Directora da Novabase Moç.

“A Novabase tem investido muito na simplificação da vida nas cidades e, se calhar, devo pegar no tema do ‘smart mobility’. Há cerca de 20 anos que investimos na investigação e desenvolvimento e implementamos soluções nesta área. Por exemplo, em 2004, implementou o primeiro sistema que permite a facilitação da mobilidade dos cidadãos nas cidades e que permite uma melhor gestão dos municípios que conseguem, também, ter o tráfego e distribuição de pessoas pelos vários pontos. Em 2017, a Novabase lançou uma aplicação que vai permitir ao cidadão fazer um pouco mais do que a escolha de um bilhete de transporte e a escolha de um trajecto...”



Sidney Quintela, director da SQ + Arquitectos Associados/Brasil

Há 200 anos, apenas Londres (Inglaterra), Pequim (China) e Tóquio (Japão) tinham um milhão de habitantes. Hoje, 442 metrópoles ultrapassam essa marca. Mais da metade da população mundial viverá em grandes centros urbanos. Com isso, surgem problemas sociais muito grandes, que também existem em cidades pequenas (...). A cidade de Viseu, por exemplo, tem problemas sociais, alguns foram solucionados e outros ainda serão solucionados. Mas a cidade de Maputo tem problemas sociais muito maiores: trânsito caótico, problemas de saúde muito mais caóticos, segurança caótica, desemprego que agrava o problema, tal como as cidades brasileiras e outras grandes metrópoles do mundo. Assim, pensar numa cidade inteligente com um número muito grande de problemas, obviamente, é mais complexo do que numa cidade com um bom caminho percorrido (...). Os problemas das cidades provêm da densidade populacional... as soluções trouxeram a ideia das cidades inteligentes. Como resolver problemas que afectam a qualidade de vida das pessoas em grandes centros urbanos? Não há como pegar na Cidade de Maputo, replaneá-la e reconstruir. Tem de se adaptar, pegar e transformar o que foi pensado para 100 anos atrás, quando a quantidade de veículos era muito menor, as comunicações e repartições públicas funcionavam de modo diferente...